

A crise de 1954 e o suicídio de Getúlio Vargas na revista *Manchete*

The 1954 crisis and the suicide of Getúlio Vargas in the magazine *Manchete*

Antonio Robson de Freitas Rosalino

Graduando em História

Universidade Federal do Ceará

antoniorobsondefreitas@gmail.com

Recebido em: 15/11/2020

Aprovado em: 03/01/2021

Resumo: Este artigo tem como objetivo problematizar as imagens discursivas desenvolvidas pela revista *Manchete* na crise de 1954. Tal periódico deu cobertura para o atentado contra Carlos Lacerda e as edições publicadas no mês de agosto gestaram um discurso difamatório contra Vargas, reforçado pelo uso de diversas fotografias em suas páginas. Imprensa, Forças Armadas e partidos de oposição articularam-se para produção de uma crise no segundo mandato de Vargas, sendo que as acusações cedem lugar ao eco do lamento após o suicídio. Mais do que dar cobertura aos acontecimentos da crise, a *Manchete* tem o papel de agente ativo nos desdobramentos da crise de 1954.

Palavras-chave: Getúlio Vargas; Revista *Manchete*; Discurso.

Abstract: This article aims to problematize the discursive images developed by the magazine *Manchete* in the crisis of 1954. This periodical covered the attack against Carlos Lacerda and the editions published in August will generate a defamatory speech against Vargas, reinforced by the use of several photographs on its pages. The Press, Armed Forces and opposition parties will articulate to produce a crisis during Vargas' second term, with the accusations giving way to an echo of the lament after the suicide. More than covering the events of the crisis, *Manchete* has the role of an active agent in the unfolding of the 1954 crisis.

Keywords: Getúlio Vargas; Magazine *Manchete*; Speech.

Introdução

“Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade
e saio da vida para entrar na história”

(Rio de Janeiro, 23/08/54 - Getúlio Vargas)

Com esta marcante mensagem de despedida, o presidente da República eleito democraticamente nas eleições de 1950, Getúlio Vargas, comete suicídio com um disparo de revólver no seu peito, na madrugada do dia 24 de agosto de 1954. O suicídio de Getúlio Vargas foi o desfecho de uma crise agravada pelo atentado contra Carlos Lacerda, líder da União Democrática Nacional (partido de oposição ao governo de Getúlio durante o seu segundo mandato), no dia 5 de agosto de 1954, sendo que neste atentado a única pessoa que foi morta por tiros disparados por Alcino João do Nascimento foi o major da FAB (Força Aérea Brasileira) Rubens Vaz.

A imprensa teve uma participação muito importante nos desdobramentos dessa crise. Dentre os inúmeros veículos de comunicação que fizeram a cobertura desta crise, a revista *Manchete*, fundada em 1952 por Adolpho Bloch, também deu destaque para o clima tenso gerado pelo ambiente político após o dia 5 de agosto de 1954. De acordo com Gesner Duarte Pádua, a revista *Manchete*, ao longo de sua trajetória, se adaptou aos mais distintos momentos da história do Brasil na metade do século XX, de 1952 a 2000, sempre tentando estabelecer boas relações com os detentores do poder, alternando os seus interesses e ideias sempre de acordo com os grupos que ocupavam o poder (PÁDUA, 2013, p. 213). Tal periódico era publicado semanalmente e tinha uma concepção mais moderna, em comparação com outras publicações concorrentes, como O Cruzeiro. De acordo Ana Maria Marques, “a publicação tinha como fonte de inspiração a ilustrada parisiense *Paris Match* e utilizava, como principal forma de linguagem, o fotojornalismo.” (MARQUES, 2012, p. 90). Além disso, o periódico contava com a colaboração de diversas figuras ilustres da literatura brasileira e suas páginas semanais eram caracterizadas por possuir fotografias de boa qualidade, textos concisos, abordagem de múltiplas temáticas, cobertura dos últimos acontecimentos e especiais (PÁDUA, 2013, p. 214).

Pensar os periódicos como objeto de reflexão do historiador consiste em problematizar as representações do mundo social que estão presentes nas páginas de cada publicação (CHARTIER, 1990). Segundo a historiadora Tania Regina de Luca, a imprensa, como objeto de pesquisa do historiador, só começou a ganhar espaço nos escritos produzidos pela historiografia a partir da década de 1970, com o impacto da *Nouvelle Histoire* (LUCA, 2005, p. 111-118). Os discursos veiculados pela imprensa produzem uma narrativa que tem como objetivo ser “imparcial” em relação aos fatos, entretanto estes discursos estão vinculados a um conjunto de interesses. O filósofo francês Michel Foucault afirma o seguinte sobre a produção do discurso:

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

De acordo com Jorge Ferreira, o segundo mandato de Getúlio Vargas no cargo máximo do Poder Executivo, de 1951 até 1954, foi afetado por uma série de problemas econômicos herdados do governo de Eurico Gaspar Dutra:

Ao assumir a presidência da República, Vargas recebeu de seu antecessor, Eurico Dutra, um quadro de dificuldades econômicas, sobretudo com a retomada do processo inflacionário e o desequilíbrio financeiro no setor público. Assim, o projeto político de Vargas implicava, em um primeiro momento de seu governo; equilibrar as finanças públicas, debelando a inflação; a seguir, retomar o processo de crescimento econômico (FERREIRA, 2003, p. 305)

De acordo com Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman, a crise de 1954 teve um cenário composto por diversos sujeitos em disputa pelo poder em meio a grande polarização ideológica da Guerra Fria em uma democracia restaurada há pouco tempo:

[...] cada vez mais radicalmente de um lado, um presidente eleito e empossado com ampla adesão popular, senhor de grandes recursos clientelísticos e de um relativamente poderoso dispositivo parlamentar e, de outro, uma oposição ferrenha, herdeira de pesadas e ressentidas derrotas políticas em torno do qual alinhavam-se poderosos setores da sociedade civil e, cada vez mais, as forças armadas perigosamente cindidas pelas clivagens ideológicas da época. Tudo isso em meio a um cenário de grande polarização

das relações internacionais, com o desenrolar da chamada Guerra Fria (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994, p. 23-24).

O historiador Jorge Ferreira vai apontar que os parlamentares da UDN e a grande imprensa vão querer desestabilizar o regime através da produção de uma imagem negativa sobre Getúlio Vargas. “A questão central era tirar Vargas da Presidência da República, não importando os custos” (FERREIRA, 2003, p. 307). O principal motivo pelo qual a imprensa colabora para produzir uma visão negativa sobre Vargas está relacionado ao controle e censura à imprensa durante o Estado Novo através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994, p. 27).

Com grande espaço em toda a imprensa, a oposição difundia e manejava imagens que procuravam, ao mesmo tempo, desqualificar o governo e indignar e mobilizar contra ele a população. Caudilho, corrupto, desonesto, violento, imoral, entre outras imagens extremamente negativas, assim os conservadores se esforçaram para desmerecer o presidente (FERREIRA, 2003, p. 307)

Para exemplificar essa tentativa de apagamento de Getúlio Vargas pela imprensa, as campanhas eleitorais de 1950 ocorreram sem o mínimo anúncio pelos grandes veículos de comunicação de sua campanha política, mas Vargas conseguiu se eleger mesmo com a tentativa frustrada de promoção de um discurso que tornava ele mais próximo do ditador do Estado Novo do que de um candidato eleito democraticamente. (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994, p. 28).

Inúmeros fatores contribuíram para o desfecho dramático do suicídio de Getúlio Vargas. Maria Celina de Araújo sintetizou, através de alguns tópicos, os fatores que contribuíram para a constituição de uma crise política ao longo do segundo governo de Vargas:

- não havia, por parte das elites políticas, confiança na sinceridade de propósitos de Vargas no sentido de fazer respeitar a Constituição e as instituições políticas;
- não havia, por parte do Governo, uma proposta partidária nem uma preocupação de legitimar os partidos enquanto recursos privilegiados de poder;
- apesar da crise de confiança mútua entre partidos e Governo, este procura articular-se basicamente com as forças políticas conservadoras,

relegando para segundo plano o fortalecimento dos partidos mais populares ou populistas, particularmente o PTB;

- a UDN, principal alvo da conciliação buscada por Vargas, reage a essa tentativa de aproximação acionando seu poder de veto contra o Governo;
- finalmente, a defesa dos interesses tidos como mais progressistas e mais comprometidos com uma política independente e nacionalista é levada a cabo pelo Governo, não através de compromissos partidários, mas pela criação de órgãos técnicos, dentre os quais merece destaque a Assessoria Econômica. (D'ARAUJO, 1992, p. 39-40)

O discurso da *Manchete*

O atentado contra o jornalista Carlos Lacerda no dia 5 de agosto de 1954, que acabou vitimando o major Rubens Vaz, acabou aumentando o mal-estar político. A Revista *Manchete* só vai mencionar tal fato na edição n.121, lançada no dia 14 agosto de 1954. A edição n. 120 lançada no dia 7 de agosto de 1954, dois dias após o atentado, publica uma entrevista acerca dos detalhes da vida de Alzira Vargas, filha do presidente e Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República nesse período (MANCHETE n. 120, 1954, p. 37-40)

Entretanto, na edição n. 121, em sua capa já estampa a foto de Carlos Lacerda e a crônica “A técnica do esquecimento”, de Henrique Pongetti, já começa a insinuar a existência de possíveis laços entre a tentativa de assassinato e o Governo (MANCHETE n. 121, 1954, p. 3). As páginas seguintes irão expor Carlos Lacerda falando sobre o ocorrido e mostrará imagens do enterro de Rubens Vaz (MANCHETE n. 121, 1954, p. 4-7). Jorge Ferreira vai defender que desse momento em diante “aumentou a intensidade dos ataques ao presidente. Com habilidade, o militar foi transformado, naquele momento, no maior símbolo da luta contra o mal” (FERREIRA, 2003, p. 307-308). A partir dessa transmutação simbólica de Rubens Vaz, começam a circular boatos entre diversos grupos ligados ao poder (MANCHETE n. 121, 1954, p. 9).

Na próxima semana, a *Manchete* vai continuar cobrindo as repercussões do polêmico crime e a crônica “Hamlet no Catete”, de Henrique Pongetti, vai comparar a figura de Getúlio Vargas com o príncipe Hamlet, protagonista de uma das mais famosas peças teatrais de

Shakespeare que é afligido por sua consciência por causa dos assassinatos que ele comete ao longo do enredo (MANCHETE n. 122, 1954, p. 3). Tal comparação acrescenta um tom de acusação mais forte, levando-se em consideração que a confissão do motorista Nelson Rodrigues evidenciou a participação no crime contra Lacerda de Climério Almeida, integrante da Guarda Presidencial (MANCHETE n. 121, 1954, p. 8).

Uma série de fotos mostrando pessoas lideradas por parlamentares de oposição realizando enérgicos protestos no centro do Rio de Janeiro e a reportagem “A nação inteira exige a punição dos criminosos” revela a habilidade que a oposição de Vargas conseguiu em alastrar o discurso em favor de sua renúncia (MANCHETE n. 122, 1954, p. 5-7). Ao analisar os discursos veiculados diariamente pelos jornais de oposição nessa época, Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman demonstram que:

A partir daí, a mobilização dos recursos editoriais e ideológicos por parte dos principais jornais oposicionistas foi praticamente completa e definitiva. Todos os desdobramentos do incidente foram explorados por eles, desde o primeiro instante, no intuito de estabelecer a responsabilidade mais ou menos direta do presidente no episódio e assim forçar sua renúncia ou deposição (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994, p. 30)

Na mesma edição, também é dado destaque para as intensas buscas da Aeronáutica para encontrar Climério de Almeida, sendo o que mais chama a atenção é o forte armamento e o grande aparato militar (com cães farejadores, helicópteros, aeronaves e paraquedistas) em busca de uma única pessoa dentro da mata de Tinguá (MANCHETE n. 122, 1954, p. 8-9). A Força Aérea Brasileira vai se responsabilizar pelas investigações sobre o que aconteceu na rua Toneleros, e o “grupo encarregado das investigações, pela total liberdade de ação, ficou conhecido como “República do Galeão”” (FERREIRA, 2003, p. 308).

Na edição n. 122, ainda há uma reportagem intitulada de “87 “anjos” da guarda para um só Presidente”, de Darwin Brandão, em que este autor traça a trajetória da relação de longos anos entre Gregório Fortunato e Getúlio, a dissolução da Guarda Presidencial por ordem de Getúlio, além de afirmar enfaticamente que ela seria formada por capangas com experiências em tiroteios e revoluções, em outros termos, pistoleiros (MANCHETE n. 122, 1954, p. 11-14)

Na seção “Política em preto e branco”, de Pedro Gomes, as notícias “O atentado e o regime”, escrita por volta de 12 de agosto, e “Os boatos e os fatos”, falam sobre a tensão desde a tentativa de assassinato de Lacerda e sobre como as Forças Armadas estão se mobilizando acerca da crise. Em “Os boatos e os fatos” fica explícito como já se deu início, dentro das Forças Armadas, uma discussão sobre a imposição da renúncia através dos militares, ou seja, um golpe (MANCHETE n.122, 1954, p. 17). Tal como destaca Jorge Ferreira, as articulações para a promoção deste golpe já estavam sendo pensadas desde 11 de agosto de 1954:

Nesse momento, a oficialização da FAB, se encontrava em estado de rebelião contra o presidente, exigindo sua renúncia. A Marinha, arma tradicionalmente hostil à Vargas, encampou a tese ao lado do Exército. Em reuniões, militares indignados pregavam o golpe sem rodeios. Em 11 de agosto, no clube da Aeronáutica, oficiais superiores e subalternos das três Forças discutiram livremente os rumos a tomar. Centenas de militares, sob a presidência de Eduardo Gomes, ouviram de vários colegas de farda discursos inflamados de pregação do golpe (FERREIRA, 2003, p. 308)

É importante ressaltar que as Forças Armadas possuíam uma relação com Getúlio Vargas marcada por diversas fases, com aproximações e distanciamentos (CARVALHO, 2005, p. 102-117). Dentro do próprio meio militar, não existiam ideias hegemônicas compartilhadas por todos os que integravam esse conjunto. Um exemplo disso fica claro quando se observa as disputas entre os “nacionalistas” e os “antinacionalistas” dentro do Clube Militar (FILHO, 2003, p. 111-114). Sem falar que as relações com os militares haviam sofrido um desgaste desde fevereiro de 1954, mês em que foi divulgado o “Memorial dos coronéis”, um documento expressando as insatisfações da média e baixa oficialidade (FILHO, 2003, p. 116-117).

A edição n. 123, vai trazer criar uma imagem mais sentimental de Getúlio Vargas. Os discursos com insinuações e acusações serão substituídos por um aspecto de lamentação diante do suicídio do chefe do Poder Executivo. Isso fica bem evidente na terceira página desta edição em que uma foto de Getúlio Vargas dentro do caixão é acompanhada pelo título “Desfecho trágico de uma carreira triunfante” (MANCHETE n. 123, 1954, p. 3). Nas páginas subsequentes, são exibidas uma ampla gama de fotografias de pessoas extremamente

emocionadas diante do ataúde de Vargas, personalidades políticas e membros da família Vargas realizando sua última despedida (MANCHETE n. 123, 1954, p. 4-7). A escolha dessas imagens vai de encontro ao que afirma Susan Sontag:

A caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial para o consumo e uma fonte de valor (SONTAG, 2003, n.p.)

Carlos Borges Júnior explica como as imagens se relacionam com a construção de narrativas e a produção de sentidos para os acontecimentos:

Na produção de imagens, o jornalismo utiliza-se da linguagem-texto, fotografias, gravações, entre outras formas, para a construção de narrativas. Essas distintas formas de narrar possuem a função de possibilitar que as pessoas experienciem a singularidade do acontecimento noticioso, projetando ao pensamento múltiplas visualidades com as suas potências construtoras de sentidos e significações. (JÚNIOR, 2017, p. 112)

A seção “Os últimos instantes do Presidente Vargas” elabora uma narrativa detalhada do cenário crítico que se formou ao redor de Getúlio nas últimas semanas e cria uma imagem dramática do suicídio, além da reprodução integral de sua carta de despedida na página seguinte (MANCHETE n. 123, 1954, p. 8-10). Na mesma edição em que a capa do periódico ressalta a inesperada morte do presidente haverá também espaço para a apresentação de Café Filho como um político capacitado para ocupar o cargo máximo do Poder Executivo e que, assim como seu antecessor, tinha fortes laços com os sujeitos das classes populares (MANCHETE n. 123, 1954, p. 67-70).

Ao observar toda a veiculação de uma imagem negativa sobre Getúlio e uma súbita mudança de tom após sua morte, pode-se concordar com Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman quando postulam o seguinte:

O curioso é observar que o suicídio determinou que seus adversários iniciassem imediatamente o retoque na imagem de Vargas. O perfil até então construído teve que ser refeito - não coincidia com os atos que agora se revelavam. O homem tinha também grandeza, patriotismo, honestidade e, para alguns era um estadista. Assim, com um intervalo de algumas horas, um novo retrato de Vargas começava a ser apresentada ao público. (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994, p. 44)

A “Agitação nas ruas de Norte a Sul” expõe diversas fotografias que revelam a grande mobilização de trabalhadores nas ruas de várias cidades do Brasil em reação a morte de Getúlio (MANCHETE n.123, 1954, p.72-73). A grande agitação que se gerou pode ser pensada não somente como uma resposta a morte de um corpo físico, mas como a morte de um corpo que simbolizava e personificava o trabalhismo (MARCELINO, 2019, p. 79). Jorge Ferreira, no artigo “O carnaval da tristeza”, demonstrou como o sentimento de indignação foi manifestado pelas multidões contra sedes de partidos, embaixadas, estabelecimentos comerciais e jornais (FERREIRA, 1994, p. 61-96). No dia 30 de agosto de 1954, a *Manchete* vai lançar uma edição extra com a cobertura do traslado de Vargas até o Rio Grande do Sul e com detalhes sobre seu enterro no cemitério de São Borja (MANCHETE ed. Extra, 1954). O funeral de Getúlio Vargas pode ser interpretado não só como um acontecimento, mas também como uma liturgia cívica que está atrelada aos usos políticos e deliberados do passado juntamente com o âmbito do imaginário social (MARCELINO, 2011). Ainda nesta mesma edição especial, a revista faz um breve resumo de como a morte de Getúlio Vargas foi noticiada pelos mais relevantes veículos de comunicação internacionais (MANCHETE ed. Extra, 1954, p. 27).

Logo depois do lançamento de sua edição extra, a *Manchete* estampa na capa da edição de n. 124 a foto de Café Filho e a crônica “O homem do Brasil”, de Henrique Pongetti, continua tecendo ofensas contra o presidente que faleceu e exalta a figura de Café Filho como um sujeito capaz de ocupar o cargo de Presidente da República, além de também fazer alusão a uma suposta ação da Providência que removeu Vargas e colocou Café Filho no seu lugar (MANCHETE n. 124, 1954, p. 3). Os elogios direcionados para Café Filho fazem parte da tentativa dos meios de comunicação de reduzir os impactos provocados pelo suicídio de Vargas. “A posse do vice-presidente garantiria o restabelecimento da ordem e da paz” (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994, p. 39).

A reportagem “Os inimigos de Vargas” trazem as manifestações de seus adversários políticos acerca do inesperado suicídio de Vargas, entretanto cabe ressaltar que o conteúdo dessa reportagem mais do que mostrar o tom de lamento dos sujeitos que discordavam Vargas evidencia uma tentativa de minimizar o atuante papel da oposição na construção da crise de 1954 (MANCHETE n. 124, 1954, p. 14-15). A *Manchete* dá continuidade na sua tentativa de

reformular a imagem de Vargas na mesma edição com a apresentação de diversas fotos de diferentes momentos de sua vida (MANCHETE, n. 124, 1954, p. 21-25). A relação entre as imagens e o tempo é explicitada por Carlos Borges Júnior:

Nas imagens há tempo (cronologias, anacronias, temporalidades múltiplas). Basta que uma surja como centelha e traço luminoso, para que outras se desprendam do lugar em que estão e simplesmente apreçam em forma de acontecimento, colocando em relação eventos próximos ou distantes. O jornalismo registra esses eventos dialógicos de tempo e imagem em suas narrativas do presente (JÚNIOR, 2017, p. 112-113).

Considerações finais

Segundo Leandro A. Seawright, amparando-se nas reflexões desenvolvidas por Michel de Certeau, a História possui uma relação bastante íntima com a morte:

A força de *Θάνατος*, *Thánatos*, a da morte, apresenta-se ao historiador que, como vivo, beira à morte e a concita ao desafio de remodelagem em sua escrita da História: não que dê a vida ao morto para além da linguagem, mas que dê o morto à narrativa por presente. Se para o historiador a escrita da História é uma escrita de mortos, ele mesmo incorre na estratégia do passado que propõe decifrar: é um moribundo que, segundo Certeau, invoca os espectros e os analisa – procede necropsia para jogar com metáforas, na “subversão dos mundos”, na escrita sub-reptícia – “desse ponto de vista, o escritor é também o moribundo que tenta falar” (CERTEAU, 1998, p. 303 apud SEAWRIGHT, 2017, p. 386).

A tentativa de compreender como a *Manchete* participa da crise de 1954 é uma tarefa complexa em razão da mistura de interesses políticos com argumentos em suas páginas. Conforme apontam Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman:

O que torna particularmente difícil a análise da atuação da imprensa no processo é justamente essa complexa e ao menos contraditória mescla de puro e simples facciosismo com um posicionamento ideológico democrático-liberal. Ou seja, a mescla de interesses e posições inegavelmente particulares, ou idiossincráticos, com preocupações, argumentos e interesses mais amplos, ou sistêmicos (ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1994, p. 45).

As edições da Revista *Manchete* analisadas ao longo do texto evidenciam como este periódico elaborou uma narrativa para crise de 1954. Através do uso de fotografias e textos, a *Manchete* tentou mobilizar seus leitores contra Getúlio Vargas por meio da afirmação de um

discurso que insinuou o interesse e a responsabilidade de Getúlio pelo atentado da rua Toneleros. Seja por meio do tom corrosivo presente nas crônicas de Henrique Pongetti ou por intermédio das reportagens com o uso de fotografias, a *Manchete* elaborou uma trama acusatória em que todos os caminhos apontavam para a direção de Getúlio Vargas.

A força política da oposição, as Forças Armadas e a imprensa aparecem nas páginas da revista diversas vezes. A imagem desses agentes não é exibida com uma conotação negativa na *Manchete*, mas sim como elementos louváveis que buscam justiça contra o crime cometido contra Carlos Lacerda e Rubens Vaz. As acusações que pesaram contra Vargas foram feitas sem nenhum receio de estarem equivocadas e amplificadas ao máximo possível com o propósito de desestabilizar seu governo.

Ao longo das semanas do mês de agosto de 1954, a *Manchete* mostrou seu pensamento alinhado aos grupos que possuíam interesses contrários aos de Vargas e colocou-se à disposição para divulgar e intensificar cada vez mais os argumentos desses grupos. O repentino suicídio de Vargas fez com que a *Manchete* mudasse a sua retórica acusatória para um discurso com um caráter de lamentação. Mais que o fim de um corpo material, a morte de Vargas representa o fim da vida de um símbolo trabalhista. O perecimento do presidente vai abalar a democracia recém-instalada no Brasil. O modo como a imprensa vai alterar a imagem construída em torno de Vargas após o suicídio não ameniza a força da ação de uma multidão de sujeitos revoltados contra o suicídio em várias cidades brasileiras.

Essa relevante mudança no modo de se expressar da *Manchete* deixa mais claro ainda a maneira como a revista gestou um forte discurso difamatório contra Getúlio Vargas, além de explicitar uma tentativa de diminuir sua participação na crise de 1954. Ao fazer a cobertura da agitação política e dos acontecimentos desse período, a *Manchete* deixa de ser somente um veículo de informações e passa a desempenhar um papel de agente ativo na constituição da crise de 1954.

Referências bibliográficas:

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954.** In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

- CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- D'ARAUJO, Maria Celina. **O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- FERREIRA, Jorge. **As crises da República: 1954, 1955 e 1961**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Jorge. **O carnaval da tristeza: os motins urbanos de 24 de agosto**. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- FILHO, João Roberto Martins. **Forças Armadas e política, 1945-1964: a ante-sala do golpe**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- JÚNIOR, Carlos Borges. Linguagem e narrativa, jornalismo e literatura: a construção das imagens de Amazônia na revista Manchete da década de 1980. **Verso e Reverso**, v. 31, ed. 77, p. 111-124, 2017.
- LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MANCHETE**, Rio de Janeiro, n. 120, 7 de agosto de 1954.
- MANCHETE**, Rio de Janeiro, n. 121, 14 de agosto de 1954.
- MANCHETE**, Rio de Janeiro, n. 122, 21 de agosto de 1954.
- MANCHETE**, Rio de Janeiro, n. 123, 28 de agosto de 1954.
- MANCHETE**, Rio de Janeiro, ed. Extra, 30 de agosto de 1954.
- MANCHETE**, Rio de Janeiro, n. 124, 4 de setembro de 1954.
- MARCELINO, Douglas Attila. Os funerais como liturgias cívicas: notas sobre um campo de pesquisas. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 31, n. 61, p. 125-144, 2011.

MARCELINO, Douglas Attila. O lugar do “outro mundo” na percepção da nacionalidade: cartas e pedidos ao “São Tancredo”. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 77-99, feb. 2019.

MARQUES, Ana Maria. O envelhecimento na década de 80 e o tema na Manchete. **Projeto História**, São Paulo, 2012, v. 45, p. 87-112, 2012.

PÁDUA, Gesner Duarte. Manchete: a cortesã do poder. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, p. 213-222, 2013

SEAWRIGHT, Leandro A. Teoria da História – a escrita, o lugar do morto e do assombro: diálogos com Michel de Certeau. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 375 - 401. maio/ago. 2017.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.